



O casebre onde esta família tem vivido, amontoada.

A casa, agora deles, e que vão habitar.

PENSAMENTO

Oh Mães, estreitai os vossos filhos!
Amái a graça incomparável da Mater-
nidade!

PAI AMÉRICO

África

Confronto de forças

ESCREVO numa hora em que os noticiários nos alarmam com nova crise nesta paz precária que fez tréguas, mas nunca foi sinceramente querida por todas as partes, nas quais está incluído o mundo dos grandes interesses económicos e políticos que se tem mostrado ineficaz na sua interferência; antes, possivelmente, estará complicando mais o processo de paz.

É que em Angola não se fabricam armas e elas lá estão proporcionando o confronto de forças. E não estariam se não houvesse petróleo e diamantes com que as pagar àqueles que as fornecem com uma mão enquanto a outra talvez agite hipocritamente uma bandeira branca. E o petróleo e os diamantes que são riqueza de um Povo, em vez de fundamento para a prosperidade de todos, na mão dos poderes que os detêm, servem para atropelar o verdadeiro interesse desse Povo, relegando-o para depois, um depois sem horizonte à vista.

Continua na página 4

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Verdadeira fraternidade

FORAM o amor e o cuidado com o Próximo que inquietaram a pequena comunidade das Irmãs Religiosas, ao serviço pastoral naquela grande aldeia, a chamar por nós e a pedir a nossa ajuda. Entre as famílias, suas assistidas, encontraram uma, à espera que nasça o sétimo filho, a viver num casebre constituído só por duas divisões pequeninas, que mais parecem autênticos cacifros e, para maior desgraça, o casebre é propriedade da Junta da Freguesia.

Já há muitos anos conhecíamos o nome daquela aldeia. Dali recebemos em nossa Casa um pequenito que criámos e ajudámos a ser médico e que está ao serviço do povo da sua região que muito ama. Bom homem e bom médico.

Com o nome na memória e com a placa na estrada foi fácil chegarmos até lá. Dirigimo-nos, pela torre, à igreja, e, no átrio coberto da mesma, encontramos um grupo de crianças e uma mulher sentada ao lado no banco de cimento. Perguntámos onde viviam as Irmãzinhas e ela logo nos informou com muita delicadeza.

A pouca distância tocámos a campanha da casa de habitação ao serviço das Irmãs e logo apareceu uma. Estavam à nossa espera. Novamente a caminho da igreja e eram aquelas crianças e aquela mãe que não têm onde viver e passam o dia no átrio onde as encontramos.

O casebre que têm ocupado, é em frente. Subimos os três estreitos degraus e entrámos. Meu Deus, o que os nossos olhos viram e o que os nossos sentidos contemplaram! O telhado muito roto. Tudo amontoado lá dentro e sem espaço algum livre! Um cheiro profundo a mofo e a bafio! Aconselhámo-la a abrir a janela e respondeu que, às vezes, a abria. Saímos e as Irmãs informaram que, perto, há uma residência à venda por seis milhões de escudos.

Nasceu-nos uma esperança de solução na alma e no coração. Rua abaixo e eis-nos junto do edifício à venda. Só pela aparência vimos que era dos bons. Entrámos e quisemos observar tudo: três quartos, uma cozinha espaçosa com chaminé, todos os compartimentos servidos por corredor e, ao fundo

deste, uma porta para o quintal. Logo, ao lado, um quarto de banho com o indispensável. O quintal tem flores, capoeiras, terra para horta e algumas videiras. Todas as coisas a

chamar por habitantes que o cultivem.

Ali mesmo decidimos adquirir o prédio. As Irmãs, radiantes, farão tudo

Continua na página 3

«PADRE AMÉRICO-MÍSTICO DO NOSSO TEMPO»

Já expedimos o novo livro

**Postais R.S.F.
(resposta sem franquia)**

A equipa do «Basófia», na presente edição d'O GAIATO, despachará o resto dos postais R.S.F. (resposta sem franquia). Na anterior serviram, apenas, Lisboa e Porto.

Convém que os pretendentes escrevam os ditos postais com letras maiúsculas, facilitando deste modo melhor legibilidade aos respectivos nomes e endereços. Depois, é só colocá-los no marco do correio. Muito simples e prático!

**Primeiras
notícias dos Leitores**

Chegaram as primeiras notícias, quais andorinhas da Primavera.

Assinante 37307, de Colmeias:
«Saboreei algumas páginas do livro Padre Américo-Místico do nosso tempo. E ponho-me a pensar nas mil vezes que eu — tão beneficiado pelas graças do Senhor Jesus — não tenho correspondido...»

Lisboa, assinante 29884:

«Recebi o novo livro que agradeço, visto ser minha ideia encomendá-lo.

Como é costume, não traz preço! Segue algo mais para esse fim e para o que precisarem. Ponho, em vossas mãos, com muito gosto, o destino dessa quantia porque sabeis onde aplicá-la.»

Assinante, 14328, de Amarante

«Agradeço terem lembrado a minha pessoa, na expedição do livro Padre Américo-Místico do nosso tempo. E tomo a liberdade d'enviar um cheque, não para pagar — tudo o que se escreva sobre Pai Américo não tem preço — mas para agradecer tão gentil lembrança.»

Coimbra, assinante 16365:

«Recebi a obra editada, que ainda não li. Simplesmente, a folhei. É agradável a cor da capa para a vista, para o espírito.

Não indicam preço! Mas envio cheque. Parabéns e até sempre.»

Linguagem telegráfica e Fogo nos corações!

Júlio Mendes

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

DÊMOS A MÃO — Ajudamos uma família por mor dum filho com doença grave.

Muito sofre aquele pai, envelhecido, que trabalhou a vida inteira!...

Atendemos os desabafos que confidencia — para conforto moral. Aliviamos as dificuldades que precisa de suprir, pela magreza da sua reforma.

Entretanto, é de crer que o filho doente obtenha uma pensão de reforma. Nessa altura, o velhinho suspirará de felicidade, com certeza.

*

Uma outra filha, pobre, tem uns lindos bebés. E gosta muito deles. Faz valer a sua maternidade. E é por eles, pelos meninos, que, eventualmente, até se estabilizar no meio em que vive, precisará da ajuda dos Leitores d'O GAIATO — por nosso intermédio.

— Deus me dê força p'ra criar os filhos...!, disse.

A alimentação e a limpeza dos bebés. O arranjo de roupa simples. Por tudo o mais, são gente interessada na sua promoção social. Dêmos a mão!

PARTILHA — Assinante 58717, do Porto:

«Acabo de ler, n'O GAIATO, o artigo 'Miséria envergonhada'. Tocou-me a situação da pessoa de meia idade, vivendo praticamente na solidão e procurando sobreviver de cara levantada.

Todos os anos, desde que perdi minha mãe (mas tendo ainda o conforto da companhia dum pai velhinho, de 84

anos) costumo enviar um pequeno donativo.

Desta vez o meu óbolo seja parcela exígua do pequeno alívio a essa Pobre envergonhada, que a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, lhe vai prestar.»

Lisboa: De um cheque, três mil escudos do assinante 42037. Cinco mil, da assinante 1121, Vila Nova de Gaia, que torna a peregrinar neste caminho, «pelo que for mais necessário». Deus vos ajude! O dobro, do assinante 16696, dos lados de Pinhal Novo. Três mil, da «Avó dos cinco netinhos», Setúbal: «Já me vai custando escrever, mas não me posso esquecer dos vossos Pobres com todo o carinho». O bafo de avó faz bem a toda a gente!

Assinante 21319, de Guimarães: «Após ter sido operada, escrevo a primeira carta» lembrando os Pobres «da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». Boas melhoras!

Fecha a coluna a assinante 31104, de Lisboa, com a perseverança de sempre: «Elevando a minha alma ao Criador, suplico que tenha pena dos que sofrem. E santa Paz para todos aqueles que amei».

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

PÊSSEGOS — Já foram colhidos alguns pêssegos, prontos para comer.



Os nossos rapazes na praia de Azurara

Enquanto as ameixas amadurecem, eles serão a nossa sobremesa.

JUNHO — Chegou o mês de Junho. Está a aquecer e o Verão à vista.

Já, neste mês, tivemos alguns dias de Inverno, quero dizer, de chuva. Mas não tardará que o sol venha e fique por muitos dias.

BATATA — Está a crescer e, daqui a pouco, poderemos colhê-la!...

Mais tarde, o puré do cozinheiro Henriques será feito com as nossas batatas.

MILHO — Os campos estão semeados de milho. Todos os anos é ensilado. A colheita do ano passado continua a ser utilizada na vacaria.

POMBAL — As pombas crescem cada vez mais! Mas o pior é o que deixam, pois custa muito ao «Nhanha» limpar.

O que interessa é que elas são muito lindas e acarinhadas — até pelos nossos visitantes.

AZURARA — O primeiro turno quando estas linhas vos chegarem, terá partido para a praia, mas os trolhas e serralheiros foram lá com antecedência compor o que estava estragado.

Agora, que o tempo se está a compor, vamos ter umas excelentes férias, se Deus quiser.

Rui Manuel

FUTEBOL — No dia 30 de Maio defrontámos uma equipa de «craques». Jogadores de vários clubes da primeira, segunda e terceira divisões: Braga, Porto, Felgueiras, Penafiel, entre outros.

Um jogo muito bem disputado e muito bonito. O campo estava cheio de espectadores.

Começo às 16 horas. Na primeira parte perdíamos por 3-1.

Na segunda parte a nossa equipa marcou mais 3 golos. O adversário conseguiu ainda mais três.

Foi um dos melhores jogos que tivemos, até agora. Resultado final: 6-4. A vitória sorriu à equipa dos «craques».

Houve, ainda, muitos autógrafos. Tirámos fotografias com o Neno, do Vitória de Guimarães, e com o Rui Barros, do Futebol Clube do Porto. Depois, no refeitório, oferecemos uma inerenda aos visitantes.

Uma grande festa!

«Pintinhas»

TOJAL

FESTAS — Mais uma *tournee* chegou ao fim. Reavemos, assim, velhos amigos e fizemos outros. Mas, como todos esperávamos, correu tudo normalmente.

Aproveitamos este momento para agradecer às pessoas que contribuíram para que a realização das nossas Festas fosse possível; pessoas das terras que visitámos e outras que nos acompanharam de terra em terra.

PISCINA — São muitas as saudades dos bons mergulhos na piscina!

Esperamos *matá-las*, em breve, porque já começámos a limpeza da dita.

AULAS — Terminou mais um ano escolar. Uns, souberam aproveitar; outros, não. No entanto, esperamos que cada um tenha dado o seu melhor.

BAPTIZADOS E COMUNHÕES — Como é habitual, em nossa Casa, todos os anos há quem faça a primeira Comunhão e outros são baptizados.

Dois ficam a pertencer à grande família de Cristo, e oito podem, agora, tomar o Corpo de Jesus.

EXPO'98 — Quase todos os rapazes puderam visitar a última Exposição Mundial deste século, da qual gostámos imenso. Tivemos pena de não ver o *Oceanário*, mas esperamos vê-lo um dia porque, depois da Expo terminar, ainda lá continuará.

FUTEBOL — Recebemos duas equipas: uma da Casa do Ardina e outra de pessoas nossas Amigas. Ganhámos os dois jogos. E esperamos continuar a receber mais grupos porque, se não, o campo estará sujeito a ficar com muita erva.

Arnaldo Santos

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Conciliar a vida familiar e a vicentina leva-nos a fazer interrogações periodicamente. Parar e reflectir dá-nos a liberdade de perder medos, receios, e apontamos o caminho da salvação.

As bênçãos dadas pelo Criador não se fazem esperar. Quantas vezes vamos a casa dos nossos visitados, cansados e, por vezes, abatidos, e saímos de lá abençoados e felizes. A riqueza é enorme quando o casal partilha e comunga do mesmo espírito vicentino. Os conselhos, apoio e exemplo dos nossos Padres são alavancas para não emperrarmos. Pai Américo a interceder por nós, obriga-nos a reflectir nas suas palavras:

RETALHOS DE VIDA

Ricardinho



Eu sou o Ricardo Alexandre Maia Pina. Aqui, puseram-me o nome de Ricardinho. Nasci na Brandoa, concelho de Amadora, em 12 de Abril de 1984.

Quando eu era pequenino comia Cerelac. A minha mãe tratava-me bem. Depois, os meus pais não trabalhavam e éramos muito pobres.

Morávamos num barraco, eu e o «Guga». Às vezes, não tínhamos de comer e, por isso, é que viemos para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa em 13 de Março de 1992.

O nosso Padre Carlos foi lá buscar-nos, a mim e ao meu irmão «Guga».

Gosto muito de brincar aqui com os amigos.

Ricardo Maia Pina



A camioneta suporta boa parte da comunidade de Malanje

DOCTRINA

O nosso direito
é naturalmente limitado
pelos direitos dos mais



COMO fomos a dizer, o direito de propriedade é indiscutível quando não vai de encontro a um outro que também não se discute, o de cada um viver com decência. Ninguém pode dizer ao vizinho: retira-te do meu sol. Ninguém, que ele nasce para todos como afirma a sabedoria do povo; e o Pai Celeste faz chover a Sua chuva nos campos de toda a gente, segundo os ensinamentos do Evangelho. Se hoje faltam muitas coisas dentro das nossas moradas, mesmo das de quem pode comprar, é porque falha a Justiça. Procura acima de tudo o Reino de Deus mai-la Sua Justiça e com ela terá tudo.

O nosso direito é naturalmente limitado pelos direitos dos mais. A sociedade é feita e constituída para o bem-comum de todos. «Sois todos membros de um só Corpo.» Que a cabeça não se gabe nem os olhos se vangloriem nem os pés se envergonhem. O marco das tuas propriedades é testemunha de pedra a dizer algo a todos e particularmente a ti mesmo, que não podes ir adiante; e tu obedeces. O Mundo indigente é o marco social, não de pedra, mas de carne — da tua carne. Ele grita: «Olha a minha doença, a minha velhice, os meus filhos, a minha invalidez — não passes adiante.» E tu não atendes! Há dias topei um homem de bem, vergado ao peso dos anos, arrumado a um bor-

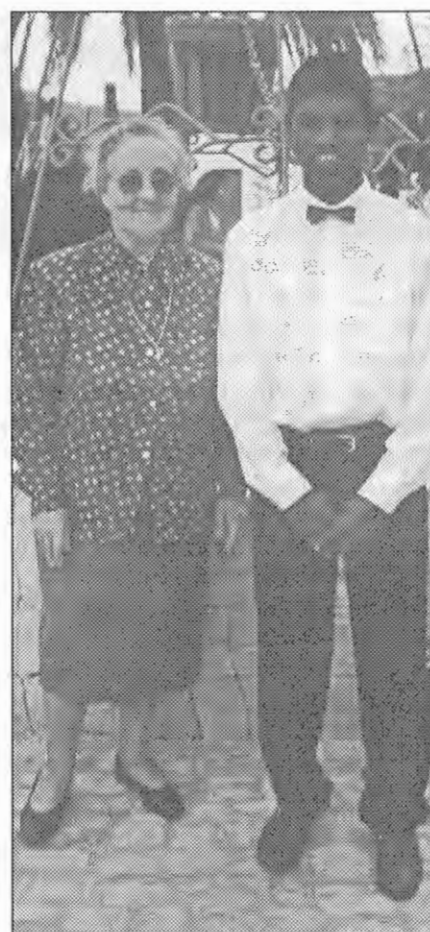
dão: «Meu senhor, trabalhei até poder e agora ando a pedir!» Quantos não terás tu assim encontrado e achas bem!

EM Julho do ano findo, alguns cursos de Direito visitaram a casa onde eu habito. De um deles ficou para trás um inspector do Registo Predial: — *Sabe uma coisa, padre?: uma família de Coimbra foi adquirir uma quinta no meu distrito, tamanha que eles são incapazes de a administrar, nem sonham as suas grandes dimensões! Vê-se mesmo que a foram buscar num acto de desespero para salvar os seus dinheiros; e fizeram-no longe de Coimbra, quase na raia, para não escandalizarem ninguém. Foi, sim senhor. Como esta, outras e outras.*

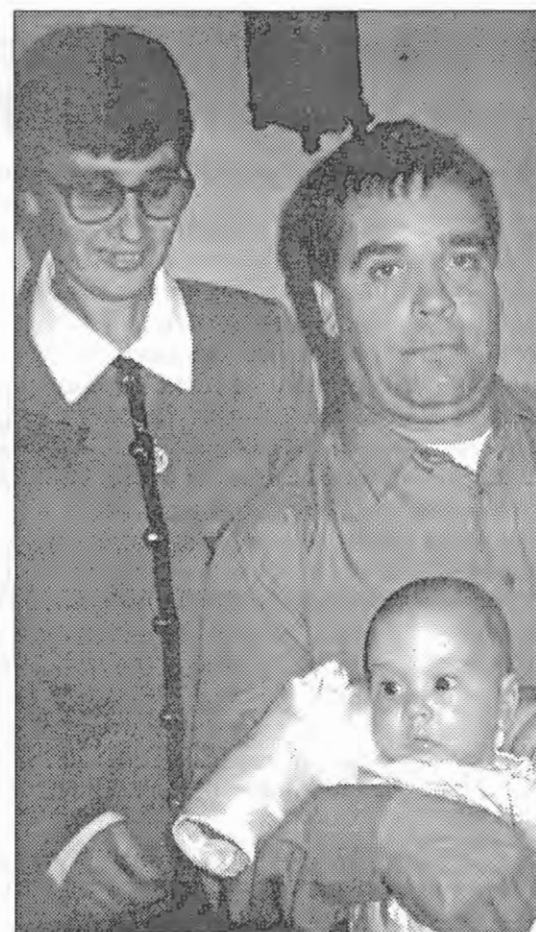
AQUI nunca se diz o nome de quem dá, tão pouco de quem não dá. Os obreiros da Revolução Social têm de ser pacíficos e silenciosos. Contudo, nada me estorva de declarar, para que chores comigo, que algumas vezes tenho batido à porta desta mesma e doutras quejandas e sou despedido com o triste «nós já damos muita coisa». Faz pena! Não possues com honra nem gozas como deves aquilo que tens — oh desgraçado! Não, que ninguém pode servir a dois senhores! — verdade eterna. Podias, com os teus cabedais, concorrer para um mundo feliz e afastar perigos que ameaçam. Com a tua fortuna podias fazer amigos. Podias e devias, mas antes queres fazer revoltas. Pois seja.

D. Assis

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.ª vol. — Campanha de 1943 a 1944)



O dia do Baptismo do Hugo «Chuinga»



No Domingo de Páscoa, Baptismo do filho do «Chola».

Tribuna de Coimbra

Folhear o nosso livro

FAZ-NOS bem folhear, de vez em quando, o livro de «Deve-Haver». São duas colunas imensas; ambas manifestam a bondade do nosso Deus que não falta com o necessário aos seus filhos mais predilectos, os Pobres. Quem nos dera permanecer sempre em atitude de acção de graças... A par da partilha material, chegam mensagens repassadas de caridade e de inquietação apostólica. Às vezes, apetecia substituir as nossas humildes reflexões pelas ditas e meditadas.

Abrimos no mês da Páscoa. Isso diz tudo. Depois do Natal, a Páscoa. Os mistérios andam de mãos dadas: a mesma revelação da Bondade de Deus em grandezas proporcionais à nossa compreensão. O chamamento é sempre o mesmo: abrir o coração.

Assim, a Marília, de lá de cima, com 200 contos. Da Secretaria Episcopal da Guarda, 30 mil, a mando de alguém que nos estima. Uma «Santa», de Coimbra, com 20 mil. Luso, Helena S.D. com 5 mil. Vila de Pereira, 2000\$00. Casal das Meãs, todos os meses com a sua oferta. Bom amigo e esposa, das Calçadas, 100 mil. De Sátão, 20 mil. Mais vinte mil, de Coimbra. Outros tantos, de Miranda do Corvo. Cinco mil, da

Figueira da Foz. Outros 30 mil, de Coimbra. Cinco mil, do Estoril. No domingo de Páscoa, antigo gaiato com 25 mil. Gavião: os 30 mil, do costume. Odete, da Amadora, 10 mil. Mais cinco mil, de Coimbra. Outros tantos, de S. Jorge. A presença mensal de A. S. Minga. De Castelo Branco, a sufragar a alma de irmã que o Senhor chamou, 100 mil. Adelina, de Coimbra, 10 mil retirados à pensão de sobrevivência, a pensar nos Pobres retratados no «Património dos Pobres». De novo 20 mil, da Figueira da Foz. Mais dez mil, de Coimbra. Outros 10 mil, da Lousã. Um conto e quinhentos, de Mira — há muito e no dia certo. Um Francisco que há muito conhecemos, em Castelo Branco, com 1000 escudos. Maria do Céu: em vez das amêndoas, na Casa Castelo, o cheque pelo correio com igual valor. Vítor, de Serpins, cinco mil. Engenheiro, de Leiria, 100 mil. Joaquim Mendes, de Coimbra, 12 mil. De Alijó, em casa, 5 notas de 10 mil. Um anónimo, depois duma visita cheia de curiosidade, 200 mil em notas. Resta referir tudo quanto chega ao Lar e entregue pela D. Maria da Luz. Chegámos ao fim de Abril e, feitas as contas, damos graças ao nosso Bom Deus que não falta com seus dons aos filhos predilectos: os Pobres.

Padre João

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Continuação da página 1

«Queríamos até já ter cantado vitória final, mas obras destas não se acabam num dia nem se solidificam sem argamassa de muito suor e sangue.

Sangue e suor de quem mendiga e de quem se priva do supérfluo e até do que faz falta para acudir aos que nada têm.»

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — J. R. D., dois mil escudos. Anónima, de Nelas, mil escudos. De Pedrosa, Folgosa — Ermesinde, cinco mil escudos «para o que for mais necessário». Anónimo, do Porto, em vale do correio, dois mil escudos. Assinante 17991, cheque de vinte e cinco mil escudos. Lisboa, assinante 66414, três mil escudos. Estrada Exterior da Circunvalação, «para a campanha tenha o seu Pobre», doze mil escudos.

Obrigado pela ajuda que nos dão para os mais carenciados.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Adelaide e Zé Alves

o que estiver ao seu alcance. Vão falar com os donos da casa. Vão pedir ajuda a quem queira ajudar. Vão inquietar muitos que necessitam de ser inquietados. Vão continuar a dar testemunho do que é ser irmão do Outro, sobretudo daqueles que não são capazes de se defender. Vão mostrar que estão ao serviço do Senhor bem presente nos que sofrem.

Aquela família, só com um dos filhos já em idade escolar, com pai deficiente numa perna e a trabalhar longe, regressando à família só aos fins-de-semana, esta família tem todo o direito de ser ajudada e apoiada. Tem direito natural a habitação condigna. Ninguém faz favor em ajudar famílias nestas condições, sobretudo as que não estancam o amor do casal pela procriação. O ventre desta mãe traz lá dentro mais um tesouro humano.

Ficámos maravilhados, sobretudo com a alegria duma das Irmãs que esteve parte da sua vida em Angola, a cuidar de crian-

ças. Recordou a época em que esteve sozinha com elas num ambiente de guerra, à espera do primeiro ataque que viesse. Graças a Deus ninguém atacou aquela casa. Recordando esse tempo de guerrilha, sente-se apaixonada por todos aqueles que sofrem. Exemplo de verdadeira fraternidade.

Padre Horácio



Quinta de Benguela

CALVÁRIO

Ver e acreditar

A manhã respira a frescura dos campos verdes. Meto-me pelos carreiros orvalhados da extensa quinta e encontro os rapazes em grupos, consoante o trabalho que executam. Eles dedicam-se, diariamente, às tarefas de sempre. Só muda o sítio. A vida por aqui é semelhante no rodar do ano.

Numa companhia de teatro os artistas são os mesmos, mas as peças vão sendo outras. Entre nós, não: os mesmos artistas repetem o mesmo labor.

Neste viver simples não descortino assunto para estas linhas, se bem que o tente.

De tarde, torno à quinta. Há-de haver algo que me dê para reflectir.

Começo a olhar bem para estes jovens. Por detrás de cada um anda uma história de abandono, de pobreza, de fragilidade humana.

O Alberto veio ontem de um Instituto para rapazes. Ele era o único incapaz de acompanhar os demais na escola. Traz consigo uma história de nulidade e de estorvo.

Nesta peregrinação da tarde tenho na minha frente o Nelito a limpar as ramadas para que as vides novas não sejam afogadas pela erva.

O pai é alcoólico. A mãe, doente mental, está internada. Naquele lar as desventuras sucedem-se. Uma irmã tomba na lareira e morre das queimaduras. Outra sucumbe a uma grave desidratação. O irmão mais

novo, com paralisia progressiva, vem para a nossa Casa. E o Nelito está connosco há quinze anos. Quando o visitei naquela pobre morada, deparei com um ser apático, sem coordenação de movimentos e de linguagem, com olhar vago e distante.

Neste novo meio recuperou de tal modo que agora é dos mais diligentes e perfeitos naquilo que faz. E muito vai produzindo ao longo dos dias. Entretanto, já dá passos na leitura e nas contas. Temos homem!

É preciso olhar e ver. Ver sobretudo! E se o fizermos em profundidade para o interior dos outros, muito nos pode ser revelado.

O homem é um ser em crescimento. Tal como as sementes contém em si forças ocultas e imprevisíveis. Os nossos campos estão a ser preparados para as sementeiras. O grão vai cair no solo e nele vai desenvolver-se. A semente possui capacidade de crescer: capta a matéria orgânica e química; a humidade e o calor da terra; e, dentro daquela, rebentam as raízes, o caule, as flores e os frutos.

Às vezes, quer fazer-se o homem a partir de fora. E o homem não cresce, pois ele tem de crescer a partir de dentro. As ajudas externas colaboram. Mas é do interior que brota o crescimento. Não é dando-lhe riqueza, diploma, nobreza, que o homem se tornará mais homem. Não é por se encadernar luxuosamente um livro que ele vale. O conteúdo é que importa. Esta é a verdadeira riqueza do livro. O homem possui também, dentro de si, valor e capacidades. Um olhar

vago e superficial sobre os outros não o descobre, mas eles estão lá.

O Nelito perturbou-me quando o vi andrajoso e ausente naquelas paragens minhotas.

Mas dentro dele havia uma força enorme para se expandir. Naquele meio atrofiava-se

irremediavelmente. O terreno não era propício ao crescimento. Hoje, o Nelito, embora limitado, é um rapaz válido e feliz.

Acreditámos e ele respondeu.

Padre Baptista



Uma rua do Calvário

África

Continuação da página 1

A crise de Autoridade que o mundo atravessa

Perante a falência da intervenção exterior por parte das altas autoridades arbitrais convencionalmente estabelecidas no mundo — quem sabe se não pela profunda crise de Autoridade que o mundo atravessa... — aonde ir procurar reservas de energia capazes de pôr termo a este estado de coisas senão à alma do Povo?! Quem senão ele, ao fim e ao cabo, poderá impor a paz que lhe é indispensável para reorganizar a vida seja em que níveis for desde que humanos e compatíveis com as

suas necessidades e as suas ambições imediatas?

Ora o Povo pacífico e pouco reactivo por natureza e, neste momento, enfraquecido pela fome, pela doença, por tantos sofrimentos consequentes ao desenraizamento e instabilidade a que foi obrigado pela guerra, não está em condições de tomar posição. É preciso que alguém o ajude a adquirir consciência da sua força e do papel que lhe cabe no ressurgimento da sua pátria, capacitando-o para expressar a sua vontade sobre a nova Angola, confirme ou não essa vontade os limites que de fora lhe foram estabelecidos, há pouco mais de um século, pela Conferência de Berlim.

Dever de todas as Igrejas cristãs

É aqui que eu vejo, primário e insubstituível, o dever da Igreja, diria mesmo de todas as Igrejas cristãs que vivem e dão a vida em Angola. Dever que se não esgota no ensino da Doutrina, nem em magníficas Liturgias, tampouco em algumas acções pontuais e apagadas da Caridade. A Justiça clama e a Igreja tem de dar-lhe a voz que não se ouve e sujeitar-se a perseguições que podem feri-la duramente. Isso implica uma desinstalação; mas o Povo também está desinstalado. E a comunhão da Mãe com os filhos não vale como tema de pregação se não

for objectivo para a vida. Em atitude assim, assumida pelos mais responsáveis, talvez se vão muitas vocações, mas ficam as verdadeiras. Foi com pequenos restos que o Povo de Deus sempre se purificou e restabeleceu na ordem do serviço dos homens, os mais fracos, os mais pequeninos com quem Jesus preferencialmente se identificou.

Não bastam exortações à paz

Não me parece que bastem exortações à paz. Na euforia do marxismo-leninismo, a Igreja em Angola foi a grande força que se opôs, mostrando a extensão e peso do Corpo pela vivacidade dos seus membros na Fé. Agora será preciso que essa Fé aliamente a coragem de reivindicações que são direito essencial do homem: a paz, o pão, a saúde, a instrução, espaços onde se possa estabelecer livremente e com segurança.

E serão espaços o que falta num país com mais de um milhão de quilómetros quadrados e menos de dez milhões de habitantes?!

A Igreja terá de ser uma presença activa e incómoda que, naturalmente, provocará represálias dos poderes instalados para servir e que não servem. Terá de sofrer Ela própria a incomodidade reflexa da que motiva. Mas

se não for Ela a defender o Povo, a dar-lhe voz, a comunicar-lhe força — então quem o fará: A ONU?... As grandes potências mundiais?... Este pequeno país que somos, que tão precipitadamente e mal se demitiu de obrigações seculares e onde, apesar de tudo, morará, talvez, o maior pequeno resto dos que amam Angola e o seu Povo?...

Padre Carlos

Festas

Setúbal

As nossas Festas são sempre muito mais uma recolha de trigo precioso no celeiro do nosso coração do que uma crivagem de joio. A Festa é Festa. Nestes momentos nem os nossos olhos enxergam qualquer joio. É também a razão importante de qualquer festa: — alegrar a alma com a sensação do Belo.

Uma veneranda amiga, de 91 anos, não pode ir à Festa de Azeitão, mas enviou a sua oferta e pôs nela o sentimento elevado que a liga à Casa do Gaiato. Mesmo no recolhimento a que a idade obriga não se privou de comungar neste entusiasmo encantador que a Festa provoca. A ceia abundante, variada e rica que normalmente completa o espectáculo — mimo gratificante dos nossos Amigos — é outra expressão bela da colheita magnífica de preciosa sensibilidade cristã.

Padre Acílio

20 de Junho — 21.30 h, Teatro Aveirense — AVEIRO.

26 de Junho — 21.30 h, Luísa Todi, SETÚBAL.

27 de Junho — 21.30 h, Pavilhão Gimno-Desportivo de SESIMBRA.

4 de Julho — Salão de Festas da Escola Salesiana do Estoril, para CASCAIS e ESTORIL.



Panorâmica da Casa do Gaiato de Maputo — Moçambique.